

# CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE  
(ORGANIZADORA)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

# CULTURA E SOCIEDADE 2

LUCIANA PAVOWSKI FRANCO SILVESTRE  
(ORGANIZADORA)



**Atena**  
Editora  
Ano 2020

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

**Editora Chefe:** Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

**Diagramação:** Geraldo Alves

**Edição de Arte:** Lorena Prestes

**Revisão:** Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

### **Conselho Editorial**

#### **Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará  
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá  
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima  
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste  
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia  
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### **Ciências Agrárias e Multidisciplinar**

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano  
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia  
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará  
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

### **Ciências Biológicas e da Saúde**

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília  
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás  
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri  
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília  
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina  
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

### **Ciências Exatas e da Terra e Engenharias**

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto  
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí  
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás  
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará  
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande  
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá  
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

### **Conselho Técnico Científico**

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo  
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza  
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba  
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão  
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico  
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar  
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro  
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo  
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará  
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil  
 Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita  
 Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária  
 Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia  
 Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco  
 Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Lilians Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ  
 Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás  
 Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá  
 Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal  
 Prof<sup>a</sup> Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo  
 Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
 (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

C968    Cultura e sociedade 2 [recurso eletrônico] / Organizadora Luciana Pavowski Franco Silvestre. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF  
 Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
 Modo de acesso: World Wide Web  
 Inclui bibliografia  
 ISBN 978-65-86002-45-4  
 DOI 10.22533/at.ed.454201203

1. Cultura. 2. Política cultural. 3. Sociedade. I. Silvestre, Luciana Pavowski Franco.

CDD 353.70981

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

Atena Editora  
 Ponta Grossa – Paraná - Brasil  
[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)  
[contato@atenaeditora.com.br](mailto:contato@atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O e-book “Cultura e Sociedade 2” apresenta onze artigos com pesquisas e estudos que debatem a relação entre educação e cultura a partir de diferentes perspectivas.

A cultura envolve uma série de valores construídos socialmente que em conjunto estabelecem um código de normas para as relações estabelecidas. Neste sentido, os artigos apresentados contribuem para o debate acerca da influência e relação existente entre a questão cultural e a diversidade, manifestações populares e resistência, conhecimento tradicional e comunidades, levando-se em consideração para estes debates a questão territorial, representações e sustentabilidade.

No que concerne aos artigos que dão ênfase aos aspectos educacionais, as discussões realizadas estão voltadas para a integração entre estas e a cultura, considerando-se a diversidade no contexto escolar e o papel do conhecimento tradicional para o cotidiano dos espaços educacionais.

São pesquisas que contribuem para uma visão mais ampliada e contextualizada das diversidades presentes nos territórios e que acabam por impactar na definição de políticas públicas e nos fatores relacionais, sendo as pautas apresentadas imprescindíveis e ainda com um vasto campo de possibilidades de análises e estudos a serem realizados.

Desejo boa leitura a todos e a todas!!

Luciana Pavowski Franco Silvestre

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO 1</b> .....	<b>1</b>
“ANTES DE DANÇAR O COCO ERA COMO ESTAR NO MUNDO, MAS NÃO EXISTIR”: EXPERIÊNCIAS DANÇANTES EM CONTEXTOS DE MUDANÇAS NO CARIRI CEARENSE	
Camila Mota Farias	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012031</b>	
<b>CAPÍTULO 2</b> .....	<b>10</b>
ARGUMENTOS EM DEFESA DA INTEGRAÇÃO DAS POLÍTICAS DE EDUCAÇÃO E CULTURA NA ÉPOCA DE SUA SEPARAÇÃO INSTRUMENTAL	
Marco Antônio de Castilhos Acco Alexandre Santos Arantes de Souza	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012032</b>	
<b>CAPÍTULO 3</b> .....	<b>27</b>
A CONCENTRAÇÃO ESPACIAL DO PROGRAMA CULTURA VIVA NO MUNICÍPIO DO RIO DE JANEIRO	
Bruno Costa Guimarães	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012033</b>	
<b>CAPÍTULO 4</b> .....	<b>39</b>
AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA DESONRA DE J.M. COETZEE	
Alyne de Sousa Jardim	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012034</b>	
<b>CAPÍTULO 5</b> .....	<b>49</b>
APRENDIZAGEM E MUDANÇA PARA A SUSTENTABILIDADE: ESTUDO EM UMA INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR BRASILEIRA	
Gabriela Almeida Marcon Nora Fernanda Almeida Marcon Rudimar Antunes da Rocha	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012035</b>	
<b>CAPÍTULO 6</b> .....	<b>63</b>
CULTURA E DIVERSIDADE CULTURAL NO CONTEXTO ESCOLAR	
Adriano Alves Silva Diego Martins Sampaio dos Santos Elielson Dias Sacramento Henrique Xavier dos Santos Lorena Oliveira dos Santos Marcildo dos Santos Sacramento Moema Catarina Moreira Nascimento Bastos Palillo Kaic Pires Sena Andrade Paloma Pereira dos Santos Robson de Jesus Andrade Sonia Mendes Ferreira Valdiane Silva Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012036</b>	

<b>CAPÍTULO 7</b> .....	<b>71</b>
MARÍA A LA LUZ DE LA FE DEL PUEBLO LATINOAMERICANO	
Clara María Temporelli, odn	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012037</b>	
<b>CAPÍTULO 8</b> .....	<b>84</b>
O BEM VIVER COMO UMA ALTERNATIVA DE RECONFIGURAÇÃO DE CIDADES BRASILEIRAS	
Fernanda Rodrigues Lagares	
Cassy Lima Santos	
Katiucia da Silva Nardes	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012038</b>	
<b>CAPÍTULO 9</b> .....	<b>91</b>
MARAMBIRÉ COMO PATRIMÔNIO CULTURAL E INSTRUMENTO DE RESISTÊNCIA PARA O QUILOMBO DO PACOVAL/PARÁ	
Andréa Simone Rente Leão	
Girlian Silva de Sousa	
Edilmar Santana Quaresma	
Joice Eliane Vasconcelos de Oliveira	
<b>DOI 10.22533/at.ed.4542012039</b>	
<b>CAPÍTULO 10</b> .....	<b>108</b>
O ESTANDARTE: ESPETACULARIDADE E POESIA NAS MANIFESTAÇÕES POPULARES DO HOMEM AMAZÔNICO	
Amarildo Rodrigues da Cruz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45420120310</b>	
<b>CAPÍTULO 11</b> .....	<b>120</b>
O PAPEL DOS CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NO COTIDIANO DA ESCOLA E NA COMUNIDADE DO RIO MAÚBA	
Edésio da Silva Pinheiro	
Laércio Farias da Costa	
José Francisco da Silva Costa	
Oselita Figueiredo Corrêa	
Josiane da Silva Moraes	
João Batista Sagica de Farias	
Nazareno do Socorro da Silva Oliveira	
Rosilda do Socorro Ferreira Vaz	
<b>DOI 10.22533/at.ed.45420120311</b>	
<b>SOBRE A ORGANIZADORA</b> .....	<b>138</b>
<b>ÍNDICE REMISSIVO</b> .....	<b>139</b>



## AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NA OBRA DESONRA DE J.M. COETZEE

*Data de aceite: 10/03/2020*

### **Alyne de Sousa Jardim**

Mestranda em Letras; PPGLetras. Universidade Federal do Tocantins - UFT, Porto Nacional, Brasil, alynejardim@yahoo.com.br

**RESUMO:** Este trabalho pretende analisar a representação da condição feminina no romance sul-africano *Desonra* (1999) do escritor J.M. Coetzee. Traduzido por José Rubens Siqueira e publicado pela editora Companhia das Letras. O romance retrata como pano de fundo, o contexto social pós-colonial na África do Sul e a perda da hegemonia branca. Especificamente o período pós-apartheid marcado por intensos conflitos inter-raciais, sociopolíticos e o medo advindo de duras leis segregacionistas e longos anos de dominação colonial. Período em que foram ceifadas riquezas naturais, culturais, e até mesmo os corpos e vidas dos Sul Africanos. Metaforicamente, a dominação dos corpos femininos corresponde ao ato de colonizar a terra, possuí-la. A obra revisita os acontecimentos históricos, denuncia a violência contra povos nativos e as disputas por território por um viés pouco aprofundado pelas Literaturas pós-coloniais. Através da visão e ação do protagonista David Lurie enfatiza a mudança de posições sociais e inversão de

poder que ocorreram nesse período. Explorou o medo sentido em relação à violência do revide histórico, sentiu-se deslocado sem alternativas. Coetzee trabalha todos estes tópicos literariamente para alcançar uma maior ressonância artística. A análise teórica do estudo partirá dos conceitos sobre dominação feminina discutidos por Bourdieu (2002), estudos pós-coloniais e resistência discutidos por Bonnici (2012), Fanon(1968) e Bhabha (2003). Esta abordagem promove um constante diálogo entre a cultura e o imperialismo para a compreensão de aspectos políticos e culturais em momentos de descolonização com o intuito de favorecer os marginalizados e oprimidos resgatando sua história, sua autonomia, além de promover uma abertura democrática do debate acadêmico. Palavras-chave: África do Sul; Apartheid; Condição feminina; Inversão de poder.

**RESUMEN:** Este trabajo pretende analizar la representación de la condición femenina en la novela sudafricana *Desgracia* (1999) del escritor J.M. Coetzee. La novela retrata como telón de fondo, el contexto social post-colonial en Sudáfrica y la pérdida de la hegemonía blanca. Específicamente el período post-apartheid marcado por intensos conflictos interraciales, sociopolíticos y el miedo proveniente de duras leyes segregacionistas y largos años de dominación colonial. Período en que

fueron diezmadas riquezas naturales, culturales, e incluso los cuerpos y vidas de los sudafricanos. Metafóricamente, la dominación de los cuerpos femeninos corresponde al acto de colonizar la tierra, poseerla. La obra revisita los acontecimientos históricos, denuncia la violencia contra pueblos nativos y las disputas por territorio por un sesgo poco profundizado por las Literaturas postcoloniales. A través de la visión y acción del protagonista David Lurie enfatiza el cambio de posiciones sociales e inversión de poder que ocurrieron en ese período. Exploró el miedo sentido en relación a la violencia de la revolución histórica, se sintió desplazado sin alternativas. Coetzee trabaja todos estos temas literalmente para alcanzar una mayor resonancia artística. El análisis teórico del estudio partirá de los conceptos sobre dominación femenina discutidos por Bourdieu (2002), estudios postcoloniales y resistencia discutidos por Bonnici (2012), Fanon (1968) y Bhabha (2003). Este enfoque promueve un constante diálogo entre la cultura y el imperialismo para la comprensión de aspectos políticos y culturales en momentos de descolonización con el objetivo de favorecer a los marginados y oprimidos rescatando su historia, su autonomía, además de promover una apertura democrática del debate académico.

**PALABRAS CLAVE:** Apartheid; Condición femenina; Inversión de poder; Sudáfrica.

## THE FEMININE REPRESENTATIONS IN THE WORK DISGRACE OF J.M.

### COETZEE

**ABSTRACT:** This work intends to analyze the representation of the feminine condition in the South African novel *Disgrace* (1999) of the writer J.M. Coetzee. The novel portrays as a backdrop, the postcolonial social context in South Africa and the loss of white hegemony. Specifically the post-apartheid period marked by intense interracial, sociopolitical conflicts and fear arising from harsh segregationist laws and long years of colonial domination. A period in which natural, cultural, and even the lives and bodies of South Africans were harvested. Metaphorically, the domination of the female bodies corresponds to the act of colonizing the earth, possessing it. The book revisits historical events, denounces the violence against native peoples and the disputes over territory for a little biased in the postcolonial Literatures. Through the vision and action of the protagonist David Lurie emphasizes the change of social positions and inversion of power that occurred in that period. He explored the sense of fear in relation to the violence of historical revolt, he felt displaced without alternatives. Coetzee works all these topics literarily to achieve a greater artistic resonance. The theoretical analysis of the study will depart from the concepts of female domination discussed by Bourdieu (2002), postcolonial studies and resistance discussed by Bonnici (2012), Fanon (1968) and Bhabha (2003). This approach promotes a constant dialogue between culture and imperialism for the understanding of political and cultural aspects in moments of decolonization with the aim of favoring the marginalized and oppressed, rescuing their history, their autonomy, and promoting a democratic opening of academic debate.

**KEYWORDS:** South Africa; Apartheid; Female condition; Reversal of power.

## 1 | INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como proposta a análise do romance *Desonra* (1999) de John Maxwell Coetzee, africano da cidade do Cabo, nascido em 1940. Ganhou o *Booker Prize* por duas vezes; em 1983 com a obra: *Vida e Época de Michael K.* e com *Desonra*, em 1999. Além do prêmio Nobel de Literatura, ainda com *Desonra*.

O romance foi traduzido para a Língua portuguesa por José Rubens Siqueira e publicado pela editora Companhia das Letras. O enredo de *Desonra* traz o contexto pós-*apartheid* marcado pelos conflitos inter-raciais, a inversão social do homem branco que antes dominava e agora é subjugado. Assim como a representação da condição feminina, através da mulher branca que é violentada por homens negros e da mulher negra que é objetificada e violentada pelo homem branco. Segundo Bonnici no início da década de 60, Maxwell (1965) afirma categoricamente que o deslocamento e o exílio são um fator comum em toda a literatura pós-colonial em inglês. Acrescenta ainda:

A guerra civil pós-independência nos países africanos tem sido imputada às políticas de divisão provocadas pelos ex-poderosos coloniais, ao arremedo forçado das tribos e ao confinamento de populações dentro das fronteiras artificialmente delimitadas. (BONNICI, 2012, p. 223).

Dessa forma, o intuito deste trabalho é discutir o contexto histórico e social, pós-*apartheid* na África do Sul e as questões de gênero e dominação feminina. A partir dos conceitos de pós-colonialismo, resistência, expostos por Bhabha (2003) Bonnici (2009) e Fanon (1968) e discussão de gênero trazida por Bourdieu (2002) e ainda Beauvoir (2000).

No romance, o autor constrói personagens que retratam diversas relações entre classes, homens e mulheres, negros e brancos, como resultado de uma longa história de exploração e ressentimento. Apontando os sérios problemas políticos oriundos da segregação social, ocasionada pelo *Apartheid*, um regime de discriminação étnica, política e social que restringiu os direitos da população negra de 1940 até 1990, promovendo profundas disparidades sociais e econômicas que reverberam até os dias atuais.

## 2 | TERRITÓRIO CONQUISTADO: UMA METÁFORA DO CORPO FEMININO.

O Romance *Desonra* de Coetzee traz um enredo impactante e ao mesmo tempo reflexivo para todos que se interessam ou desconhecem a realidade de países que foram colonizados. A trama inicia com o deslocamento do protagonista David Lurie, ex-professor do Departamento de Línguas modernas, de cinquenta e dois anos, desempregado, pois se envolveu com uma aluna e foi demitido. Sem perspectiva vai

ao encontro de sua filha que mora em Kenton, no Cabo Leste. Ela é proprietária de uma fazenda no interior do país. Lucy é homoafetiva, e tenta subsistir cultivando a terra, para isso conta com ajuda de Petrus, um vizinho local.

A narrativa explora a condição e as representações da mulher na África do Sul, no contexto do pós-*apartheid*, particularmente da mulher branca que é ilustrada por Lucy, filha do protagonista David Lurie. Demonstrando as relações entre as classes, os sexos, as raças, contrapondo assim, o passado de anos de exploração e submissão dos negros escravizados e explorados pelo poder colonial que persistiu da metade do século XVII até o fim do século XX. Esta imposição ocorreu devido à restrição de terra, água, gado, e exploração dos nativos que serviam como força de trabalho, criando assim uma estrutura econômica e política que os deixava numa situação de inferioridade em relação ao colonizador.

O território africano, na visão dos europeus, era privilegiado no que diz respeito aos recursos naturais, e posição geográfica que facilitava a colonização, por isso alguns descendentes de holandeses e ingleses se instalaram no país com a intenção de explorar, acumular riquezas e impor a superioridade de sua cultura. Como herança desta imposição têm-se resquícios de leis que fomentaram o *apartheid*, evitando assim que negros e brancos se relacionassem e muito menos se casassem. Segundo Dubow:

“As relações sexuais inter-raciais eram vistas como uma ameaça ao orgulho e à pureza racial, resultando no declínio da civilização branca... O medo da mistura racial diz respeito diretamente aos brancos, ansiosos por sua vulnerabilidade em face da vigorosa e viril massa de africanos” (DUBOW, 1995, p. 21).

Perfazendo assim uma analogia entre patriarcalismo/feminino e metrópole/colônia ou colonizador/colonizado. “uma mulher da colônia é uma metáfora da mulher como colônia”. (DUPLESSIS, 1985, p. 45). Ao retratar a mulher europeia vulnerável ao homem negro, os africanos se delegavam ao papel de protetores da mulher branca, visando estabelecer o controle e a ordem patriarcal.

Nesse sentido, a independência das mulheres brancas ameaçou as relações patriarcais e hegemonia da sociedade branca, pois se não fossem consideradas vulneráveis aos homens negros não poderiam ser protegidas e amparadas pelo homem branco. A mulher branca sofre uma dupla opressão em relação ao gênero e classe, além de representar o papel da mediadora entre a pureza racial da família e mantenedora do status social diferenciado.

É nesta perspectiva que abordaremos a personagem de Lucy, mulher branca, escolarizada, herdeira da cultura branca, filha de um professor universitário que subverte a construção do feminino, delicada, bonita; estabelecida pela hegemonia masculina. “Grande é uma palavra generosa para Lucy. Ela logo será definitivamente

gorda. Abandonada, como acontece quando alguém se retira do campo do amor” (COETZEE, 1999, p.62). Um corpo deslocado, inicialmente por sua escolha sexual, e posteriormente por mudar-se para o interior da África do Sul, uma região com costumes, cultura e regras sociais diferentes.

A personagem vai contra as convenções culturais de masculino e feminino, luta para conseguir administrar a propriedade onde vive. Seu comportamento converge com o pensamento de Beauvoir: “Não se nasce uma mulher, torna-se uma”. A autora se contrapõe à visão reforçada pela ordem social que funciona como um sistema simbólico e ratifica a dominação masculina, pré-concebida pela divisão do trabalho inerente a cada um dos sexos, instrumentos e estruturas dos espaços que podem ocupar. “O mundo social constrói o corpo como realidade sexuada e como depositário de princípios de visão e de divisão sexualizantes” (BOURDIEU, 2002, p. 23).

A personagem Lucy, apesar de ter sido criada numa cultura que os negócios e a administração são atividades econômicas exercidas por homens e na maioria dos casos brancos, tenta de todas as maneiras possíveis obter sua independência financeira e gerir sua terra. Almejava igualdade e liberdade, assim com a desfrutada pelos homens. Nesse sentido Miguel corrobora:

No entanto, a igualdade reivindicada vai ser entendida como a busca pela inserção numa universalidade que não é neutra já está preenchida com as características do “masculino”. As mulheres querem ser cidadãs, mas a própria ideia de cidadania foi construída tomando como base a posição do homem (e, em particular do homem branco e proprietário) numa sociedade marcada por desigualdades de gênero, bem como de raça e classe (MIGUEL, 2014, p. 64).

Naquela região Sul Africana, independentemente do fato de serem brancas ou negras as mulheres estavam subordinadas aos homens, fossem eles brancos ou negros, existindo apenas formas diferentes de dominação. Portanto, Lucy, até esse momento da narrativa, tem uma posição favorável, conseguindo manter sua casa sem necessariamente ter que seguir os padrões culturais e sociais da região.

Às sete, com o amanhecer tocando as montanhas e os cachorros começando a se agitar, o trabalho está terminado. A kombi está carregada com caixas de flores, sacos de batata, cebola, repolho. Lucy vai dirigindo, Petrus fica atrás. O aquecedor não funciona; com as janelas embaçadas ela pega a estrada de Grahamstown. Ele vai ao seu lado, comendo os sanduíches que ela fez. Sente o nariz pingando; espera que ela não note. Então: uma nova aventura. Sua filha, que um dia ele costumava levar para a escola e para as aulas de balé, ao circo e ao ringue de patinação, agora o leva a passear, mostrando-lhe a vida, mostrando-lhe este outro mundo, desconhecido [...] Muitos clientes de Lucy a conhecem pelo nome: senhoras de meia-idade, a maior parte, com um toque de altivez no trato com ela, como se o sucesso dela lhes pertencesse também (COETZEE, 1999, p.67).

A mulher lutou, luta, e lutará para conquistar autonomia e atenuar as disparidades ocorridas entre elas e os homens nas sociedades que vão se construindo e

reconstruindo ao longo dos anos. Apesar de todas as mudanças ocorridas como a participação no mercado de trabalho, direito ao voto, participação na política e direito à educação, muitas mulheres ainda sofrem com o sistema patriarcal, com a falta de autonomia e a violência sexual, principalmente em países em desenvolvimento e em áreas de conflito. Nesse aspecto Biroli reforça:

A violência contra a mulher pode ser entendida como uma prática social, e não individual, sistêmica porque dirigida a membros de um grupo simplesmente porque eles são membros daquele grupo. O estupro seria nada mais, nada menos que um processo consciente de intimidação pelo qual todos os homens mantêm todas as mulheres num estado de medo (BIROLI, 2014, p. 113).

Em países que viveram conflitos, invasões e disputas políticas e inter-raciais a mulher como podemos ver na constituição das civilizações e pela própria história da humanidade é a parte mais oprimida, território simbólico, demarcado por abusos e violências.

Singularmente no contexto pós-colonial, onde os nativos da África do Sul estavam tentando recuperar sua identidade, se libertar da opressão, discriminação e da violência vivenciadas por anos de dominação e segregação, o negro revida todas as mazelas como descreve o romance *Desonra* de Coetzee, o acontecimento é descrito de forma brutal, narrando o momento em que três homens invadem a casa de Lucy, filha do protagonista David.

Recebe um golpe no alto da cabeça. Tem tempo de pensar, *Se estou consciente então tudo bem*, antes de sentir os membros se liquefazerem e cair. [...] Sua filha está nas mãos de estranhos. Dentro de um minuto, de uma hora, será tarde demais; seja o que for, o que está acontecendo com ela ficará gravado em pedra, pertencerá ao passado. Mas *agora* ainda não é tarde demais. *Agora* ele tem de fazer alguma coisa. [...] Ele tenta forçar a saída, passa pelo homem, mascai pesadamente. Levou uma rasteira: eles devem praticar isso jogando futebol. Enquanto está ali caído, é ensopado com um líquido dos pés à cabeça. Os olhos ardem, ele tenta esfregar. Reconhece o cheiro: metanol. Tenta se levantar, é empurrado de volta para o lavabo. Um rascar de fósforo e vê-se imediatamente envolto em frias chamas azuis. [...] David, quando as pessoas perguntarem, você se importaria de contar só a sua parte, só o que aconteceu com você? (COETZEE, 1999, p. 91).

Para Fanon (1990, p. 74) a imobilidade colonial termina por um ato de consciência que abre a porta à violência, uma força purificadora. Ocorre nesse momento um desejo de provocar o medo, angústia e o desamparo que outrora foram sentidos pelos colonizados. Pois o processo de descolonização foi tão violento quanto o de colonização. “A violência do regime colonial e a contra violência do nativo se equilibram e respondem a si próprias numa extraordinária homogeneidade recíproca. Esse reino de violência será tão terrível quanto foi a sua implantação pela metrópole” (FANON, 1990, p. 69).

Esta afirmativa aponta para acontecimentos ocorridos no romance, três homens negros invadiram a casa do homem branco, violentaram sua filha e roubaram suas coisas. Este fato terrível descrito no romance foi uma forma de responder aos brancos todas as violências, humilhações, subordinações e mazelas que os colonizadores os fizeram passar sem acesso as mesmas possibilidades e oportunidades trabalhistas, sem educação igualitária e sem dignidade. A revanche em relação à violência histórica, a mudança de panorama social representou a alegoria do desejo de provocar o medo.

O protagonista David ficou perplexo com a violência, barbárie e animalidade praticadas contra eles, mas compreende que o contexto agora é outro. “É assim que se deve ver a vida neste país: em seu aspecto esquemático. Senão se enlouquece. Carros, sapatos; mulheres também. Deve haver no sistema algum nicho para as mulheres e para o que acontece com elas” (COETZEE, 1999, p. 91).

As polêmicas, contradições e conflitos entre brancos e negros relatados na obra são baseados nas assimetrias de gênero, raça e sexualidade ressaltando verdadeiras disputas pelo poder. Pois os colonizados e excluídos socialmente lutavam por direito à igualdade tanto em relação à classe como em relação ao gênero. O sujeito objeto de antes, dominado, subjugado e discriminado estava reivindicando seu lugar na sociedade.

Agora eles tinham a autoridade e o poder, mesmo que fosse por meio da “força bruta”. No enredo aos poucos vão se realocando os sujeitos, e quem estava na condição de subalterno agora ocupa uma posição de superioridade, e quem antes dominava, agora estava aviltado.

A literatura pós-colonial, através de obras metaficcionais e ficcionais tem o poder de retratar, representar e levar a compreensão da natureza humana, e suas mais adversas situações. Nesse aspecto “A literatura não deve apenas se opor ao Império, mas cercá-lo, sufocá-lo, envergonhá-lo, expô-lo ao ridículo” (ROY, 2003, p. 112).

Dessa forma, é necessário lançarmos um olhar sobre a história, procurando pontos de cisão, pontos nebulosos de um tempo e revisitar sua origem para enfim, compreender suas causas e consequências. Incursão realizada criticamente pelo escritor Coetzee, por meio da sua personagem Lucy que representa a junção de espaços e tempos, elemento pacificador e “espaço de integração”. O corpo de Lucy é território simbólico, cobrado historicamente pelos erros do passado e carrega a semente de um futuro pacífico.

## **2.1 A mulher negra: explorada e objetificada**

No romance *Desonra* de Coetzee, a mulher negra não europeia luta pela

igualdade econômica, social e de gênero. Opondo-se à objetificação de seu corpo, luta contra os anos de exploração sob o domínio do homem branco rompendo o silêncio, como é narrado em duas situações distintas: a primeira se apresenta quando a prostituta Soraya se contrapõe à dominação de David Lurie, homem branco pertencente à classe dominante. A segunda ocorre com a personagem Melanie, uma aluna que posteriormente foi estuprada por David, colonizador reescrito na história e o denuncia. Ressaltando que a sociedade tinha mudado e que “O colonizado fala quando se transforma num ser politicamente consciente que enfrenta o opressor com antagonismo sem cessar” (BONNICI, 2012, p.26).

Soraya tem uma relação comercial com David, um professor solitário de cinquenta e dois anos. Encontros marcados semanalmente sempre às quintas.

A mulher é extremamente sensual, bonita e “aparentemente” submissa às vontades de seu cliente. Pois Soraya era vista como um oásis, enchia de vida o deserto da maturidade que David atravessava. Em um de seus encontros semanais, Soraya estava com batom vermelho e muita sombra nos olhos. “Como não gostava de maquiagem pegajosa, ele pediu que tirasse tudo. Ela obedeceu, e nunca mais usou. Uma aluna rápida, amável, maleável” (COETZEE, 1999, p. 4). “Simbolicamente voltadas à resignação e à descrição, as mulheres só podem exercer algum poder voltando contra o forte a sua própria força, ou aceitando se apagar, ou, pelo menos, negar um poder que elas só podem exercer por procuração” (BOURDIEU, 2002, p. 43). Observa-se por um período da narrativa o domínio de David, que promove o apagamento de Soraya.

Tudo estava bem, até que David a encontra por acaso na rua e começa a invadir seu espaço, segui-la e telefonar para sua casa. Ela disse para ele não ligar mais e respeitar a sua decisão. Demonstrando consciência de sua situação Soraya se libertou da opressão que estava sofrendo, mostrando uma mudança de comportamento, autonomia, frente ao domínio eurocêntrico, representado no romance pelo Professor David.

Logo em seguida ele se envolve com Melanie, uma aluna negra. Invade sua vida, insiste para sair com ela, vai até seu apartamento, domina Melanie, e ela não consegue desvencilhar-se dele. “Estupro não, não exatamente, mas indesejado mesmo assim, profundamente indesejado. Como se ela tivesse resolvido ficar mole, morrer por dentro enquanto aquilo durava” (COETZEE, 1999, p. 27). Melanie se sente invadida, explorada, aviltada, tenta fugir das persistentes investidas do professor inutilmente. Sentia-se pressionada e então resolveu denunciá-lo para a comissão da Universidade que decidi julgá-lo. David não assume e muito menos se desculpa pelo seu ato, então perde seu emprego. Esse fato pode ser explicado como:

A negação da realidade do estupro decorre amplamente do fato de que a validade



do consentimento dos indivíduos é distintamente considerada se são homens ou mulheres-e isso se agrava quando se leva em consideração a posição de classe dessas mulheres e possíveis “desvios” em sua vida sexual em relação aos códigos morais predominantes (BIROLI, 2014, p. 112).

O fato de David ter perdido o emprego, prestígio e sua honra, é visto como uma justiça histórica, pelos anos de exploração e objetificação que mulheres negras sofreram no período colonial e ainda pós-colonial, pois são barreiras sociais e políticas difíceis de serem rompidas. A voz de Soraya e Melanie demonstra uma nova perspectiva de futuro para a mulher negra na África do Sul uma espécie de reparação histórica e recuperação da sua voz através da resistência.

### 3 | CONCLUSÃO

Desonra, o romance de Coetzee, faz parte da literatura pós-colonial e retrata a mudança de posições sofridas pelo homem branco, que outrora dominava em relação ao negro escravizado, subjugado e discriminado ao longo da história colonial. Além de discutir como as mulheres na África do Sul foram as mais impactadas com a violência inter-racial, principalmente as negras.

A forma como Coetzee aborda essas questões da segregação racial e a submissão feminina nos leva a refletir, entender e questionar alguns pontos obscuros da história. Ressaltando que a literatura também tem seu papel, segundo Bhabha “O crítico deve tentar apreender totalmente e assumir a responsabilidade pelos passados não ditos, não representados, que assombram o presente histórico” (2003, p.34).

Os efeitos da segregação racial ainda não foram reparados, e a discriminação sofrida pelos sul-africanos ainda persiste, pois esses fatos têm raízes muito mais profundas e dolorosas do que podemos supor. Pode se constatar que o romance de Coetzee descreveu mudanças e deslocamentos sociais, onde aos poucos o negro está se libertando da sujeição e a mulher negra, antes objetificada, rompe a estrutura de dominação e exploração. Contudo, Coetzee sugere um novo caminho para a segregação racial, através da reparação histórica e da união das raças por meio do filho de Lucy, vislumbra a esperança de um futuro pacífico por meio da reconciliação.

### REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. Trad. Sérgio Millet. Rio de Janeiro: Nova. 2000.

BERND, Zilé. *Literatura e identidade nacional*. Porto Alegre: UFRGS, 2003.

BHABHA, Homi. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis, Gláucia Renata Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

- BONNICI, Thomas (org). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2009.
- BONNICI, Tomas. *O pós-colonialismo e a literatura: Estratégias de leitura*. 2º ed. Maringá: Eduem, 2012
- BONNICI, Thomas, *Pós-colonialismo e representação feminina na literatura pós-colonial em inglês*. Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. V. 28 N. 1, Maringá: Eduem, 2006. Acessado em 29 de julho de 2018. Disponível em: <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/178>
- BOSI, Alfredo. *Literatura e resistência*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- BOURDIEU, P. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.
- BRUSCHINI, C. (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992. p. 183-215.
- BUTLER, Judith P. *Problemas de gênero: Feminismo e subversão da identidade*. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro. Ed. Brasileira, 2003.
- CINTRA, Antônio O. *As comissões de verdade e reconciliação: o caso da África do Sul*. Brasília: Biblioteca digital da Câmara dos deputados, 2001.
- COETZEE, J. M. *Desonra*. Trad. José Rubens Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- DU PLESSIS, R. B. *Writing beyond the ending: narrative Strategies of 20th Century Women Writers*. Bloomington: Indiana UP, 1985.
- DUBOW, S. *Scientific racism in modern South Africa*. New York: Cambridge University, 1995.
- FANON, F. *Black Skin. White Masks*. London: Marc Gibbon and Jey. 1968.
- FANON, F. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FANON, F. *The wretched of the earth*. Harmondsworth: Penguin, 1961.
- MIGUEL, Luis Felipe. *Feminismo e política: Uma introdução/Luis Felipe Miguel, Flávia Biroli*. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2014.
- ROY, A. *War talk*. Boston: South End, 2003.
- SAFFIOTI, H.I. B. *Rearticulando gênero e classe social*. In: OLVEIRA, A.; BRUSCHINI, C. (Org.). *Uma questão de gênero*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos; São Paulo: Fundação Carlos Chagas, 1992. p. 183-215.

## ÍNDICE REMISSIVO

### A

África do Sul 39, 41, 42, 43, 44, 47, 48, 139

Apartheid 39, 40, 41, 42, 139

Aprendizagem organizacional 49, 50, 51, 52, 53, 59, 60, 61, 62, 139

Arte-Educação 10, 15, 16, 139

### B

Bem Viver 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 139

### C

Cariri 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 139

Condição feminina 39, 41

Conhecimento científico 121, 122, 123, 134, 139

Cultura Viva 27, 28, 29, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 139

### D

Dança do Coco 1, 139

Desenvolvimento 3, 4, 6, 11, 13, 14, 15, 21, 25, 26, 28, 29, 31, 44, 50, 51, 56, 62, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 92, 105, 129, 137, 139

Diversidade 10, 11, 12, 15, 17, 24, 36, 37, 63, 65, 66, 67, 70, 111, 116, 117, 124, 127, 136, 139

### E

Educação 4, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 25, 29, 30, 31, 32, 37, 44, 45, 49, 50, 60, 63, 65, 67, 69, 70, 104, 106, 121, 123, 124, 126, 127, 136, 137, 139

Espetacularidade 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estandarte 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 119, 139

Estudo de caso 49, 139

Etnocenologia 108, 111, 112, 113, 117, 119, 139

Experiências Dançantes 1, 5, 139

### I

Imaginário 90, 108, 111, 118, 119, 139

Instituições de ensino superior 49, 50, 51, 53, 59, 139

Inversão de poder 39, 139

### L

Lei Rouanet 27, 28, 31, 34, 139

### M

Marambiré 91, 92, 93, 94, 95, 96, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 139

Mudanças organizacionais 49, 50, 59, 60, 139

## **P**

Particularidades 63, 66, 140

Política Cultural 10, 28, 29, 35, 36, 38, 140

Política Educacional 10, 23, 140

Políticas Públicas 1, 4, 5, 6, 8, 11, 12, 22, 27, 33, 138, 140

Protagonismo Feminino 91, 93, 140

## **Q**

Quilombo 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 106, 140

## **R**

Reconfiguração da Cidade 84, 140

Resistência 39, 41, 47, 48, 88, 91, 92, 93, 95, 96, 103, 104, 105, 106, 134, 140

## **S**

Saber tradicional 121, 130, 133, 134, 140

Sociedade 5, 23, 25, 32, 33, 34, 42, 43, 45, 46, 49, 63, 64, 66, 67, 69, 70, 91, 92, 93, 94, 106, 128, 132, 134, 140

Sustentabilidade 49, 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 58, 59, 60, 62, 137, 140

 **Atena**  
Editora

**2 0 2 0**